

MEMÓRIA DE VELHOS: HISTÓRIA AMBIENTAL DA REGIÃO SISALEIRA DA BAHIA

Alessandra Alexandre Freixo, Ana Maria Freitas Teixeira, Denise Helena P. Laranjeira

INTRODUÇÃO

A reconstrução da história ambiental de comunidades rurais da região sisaleira pode ser considerada um importante elemento na análise das estratégias adotadas por essa comunidade e na definição de políticas de desenvolvimento local que envolvem, inclusive, os aspectos socioambientais. Esta reconstrução, quando baseada na memória coletiva dessas comunidades, e em especial dos velhos da região, pode atuar como um processo de fortalecimento da organização dos sujeitos do campo.

Nessa perspectiva, a memória coletiva – aqui compreendida como um conjunto de representações sociais que têm a ver com o passado, produzidas, guardadas e transmitidas por um grupo pela interação com seus membros (JEDLOWSKI, 2003, p. 217) - emerge como espaço de registro continuamente reconstituído, no âmbito do qual os sujeitos reconhecem e valorizam suas experiências.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar a memória de velhos como elemento constitutivo da história ambiental local, de modo a subsidiar políticas de desenvolvimento local e aprofundar o enraizamento de comunidades na região.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de um viés essencialmente qualitativo, no qual fizemos uso, principalmente, dos fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em memória social, de acordo com o proposto por Bosi (2003). Em função dessa opção, os recursos metodológicos utilizados foram a observação e registro de dados em caderno de campo mas, sobretudo, as entrevistas aprofundadas, além de registros fotográficos. Os critérios adotados para a definição dos sujeitos da pesquisa, foram: tratar-se de pequenos agricultores, homens e mulheres, com idade igual ou superior a 65 anos, e que vivem em comunidades rurais do município de Valente (BA). As entrevistas semi-estruturadas foram organizadas a partir de quatro eixos básicos de investigação: 1) história da casa, família e comunidade; 2) história da propriedade rural; 3) a convivência com a seca; 4) educação, formas e percepções, dando ênfase à educação formal e ao

papel da Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente (APAEB) no processo de desenvolvimento local.

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados com base na Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici apud Jovchelovitch (1999). Buscamos ainda, com base no testemunho velhos, identificar e analisar os elementos constitutivos do capital social da região, bem como seu papel no fortalecimento de redes de cooperação envolvendo os diferentes sujeitos do desenvolvimento local. (ABRAMOVAY, 2000).

DESENVOLVIMENTO

A família está presente como elemento primordial para os velhos, devendo ser percebida como um importante elo na constituição e fortalecimento das redes de confiança locais, ou seja, como elemento constitutivo do capital social na região. Os laços de parentesco e os laços de amizade envolvendo diferentes gerações, funcionam como certo tipo de “credencial” capaz de assegurar a seu portador o “pertencimento” ao grupo.

O apego à memória da família é bastante significativo entre os entrevistados, bem como o universo religioso essencialmente cristão, católico ou protestante, que parecem constituir-se num outro elo das redes de confiança e solidariedade locais. Na casa de grande parte dos velhos, as paredes da sala – o lugar privilegiado da casa, no qual as visitas são recebidas e onde os velhos, geralmente, passam boa parte de seu tempo – são a morada de gravuras e quadros de Nossa Senhora, Jesus, a Sagrada Família, São José, fotos do Papa, entre outros. É comum ainda a presença de gravuras antigas dos velhos e seus cônjuges, bem como de seus pais. Esse lugar “sagrado” da casa é também ocupado pelas fotos com os filhos, os netos e outros parentes.

No que diz respeito à propriedade rural, os sujeitos narram a grande transformação ocorrida no ambiente, e conseqüentemente na flora e fauna locais, decorrente da mudança do modo de manejo dos recursos. O ambiente, para os sujeitos da pesquisa, é percebido essencialmente como um recurso, a ser explorado pelo homem (SAUVÉ, 2004).

Com a chegada do plantio comercial de sisal, as cercas passam a fazer parte da paisagem, disputando espaço com a caatinga, que atualmente é rara na região, estando concentrada mais comumente em grandes propriedades de terra. Além do sisal, e

mesmo antes dele, eram comuns as roças com culturas de subsistência, como mandioca, feijão, milho, bem como alguns cultivos de mamona.

A seca é, sem sombra de dúvida, considerada o maior flagelo do lugar e muitas vezes aparece nos depoimentos como um castigo divino. Esse aspecto aparece de forma marcante nas memórias dos velhos e frequentemente se fazem acompanhar por histórias, lendas e rituais que apelam para a compaixão divina para que a venha a chuva. Dentre estas histórias, vale citar aqui a contada por um agricultor sobre a escrava e o lajedo: *“no tempo do cativo, havia aqui uma mulata, que ela rezava ajoelhada no lajedo que tem aí no fundo da casa. Era ela rezar, que a chuva vinha, não demorava quinze dias”*. Esses elementos míticos vêm se perdendo ao longo do tempo e os velhos ressentem que não haja mais fé nesses credos e, seria por essa perda de fé, que “Deus não faz mais chover”. Estes relatos explicitam bem uma representação mítica de natureza submissa, de origem cristã (MEDEIROS, 2002), presente entre os sujeitos.

Quanto ao acesso à educação formal, os testemunham assinalam sua precariedade. As crianças, para estudar, como ainda hoje em alguns lugares do país, deveriam andar “léguas” a pé e, muitas vezes, a escola era fechada antes que esses pudessem completar seus estudos. Em geral, os velhos são analfabetos ou semi-analfabetos, mas acreditam que possuem saberes que podem ensinar a outras pessoas, como mencionam algumas mulheres quando se referem a suas habilidades com a cerâmica e os trançados em palha. Todos consideram a educação escolar importante e boa parte acredita que atualmente as coisas estão melhores, pois existem escolas para todos. A desvalorização dos saberes tradicionais locais em contraposição aos saberes escolares é também uma referência bastante comum entre os relatos, um aspecto preocupante no que diz respeito ao enraizamento dessas comunidades, já que estes saberes, importantes elos entre gerações, vem sendo perdidos ao longo dos tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, ainda em andamento, constitui um importante momento de reflexão sobre as representações de mundo rural presentes no imaginário dos velhos enquanto sujeitos do campo, bem como de análise das redes significativas de confiança das quais participam os sujeitos da região sisaleira.

Podemos considerar que os resultados preliminares da investigação oferecem pistas valiosas sobre a possibilidade concreta de articulação entre memória coletiva, história e educação ambiental, seja como estratégia de ressignificação dos velhos em

suas comunidades, seja como uma possibilidade concreta de fortalecer e aprofundar as redes associativas horizontais e verticais capazes de imprimir um outro sentido à noção de desenvolvimento local/regional, ainda que em experiências localizadas. Reconhecer o relato dos velhos como fonte privilegiada na construção da história significa por outro lado colocar no centro da cena homens e mulheres comuns, anônimos, quase sempre invisíveis que tecem caprichosamente uma multiplicidade de relações que ultrapassa o binômio rural-urbano.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**, v. 4, n. 2, 2000.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

JEDLOWSKI, P. Memórias: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Pro-posições**, v. 14, n.1, p. 217-234, 2003.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A., JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.63-85.

MEDEIROS, M. G. L. Natureza e naturezas na construção humana: construindo saberes nas relações naturais e sociais. **Ciência & Educação**, v. 8, n.1, p. 71-82, 2002.

SAUVÉ, L. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável: uma análise complexa. **Publicação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso**, v. 6, n. 10, 1997. Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/educacao_ambiental_e_desenvolvim.html>. Acesso em: 02 Out. 2004.